



cultura&informação
A REVISTA DO SABIN

3º trimestre letivo 2022 – ano XXVIII – nº 82

Uma escola em ebulição

Faltando poucos meses para o fim do primeiro ano de retorno completo ao ensino presencial, é possível afirmar que o Sabin não voltou a ser o que era antes da pandemia. Falo isso no melhor sentido. Talvez o afastamento tenha fortalecido nosso gosto por fazer uma escola de excelência – o que significa ensinar, mas também aprender constantemente; consolidar o que fazíamos bem, mas sempre buscando fazer melhor. O fato é que não somos a mesma escola, ainda que mantendo os mesmos valores e proposta, porque, nos últimos meses, o Sabin vive um momento de particular efervescência. Somos uma escola em ebulição, em mais de um aspecto.

A começar pelos espaços físicos. Em linha com os investimentos em ESG que o Sabin vem fazendo, renovamos nosso paisagismo para promover uma maior conexão das pessoas com jardins, plantas e outros elementos da natureza. Trata-se do conceito de *design* biofílico (de biofilia: “amor à vida ou a sistemas vivos”), tendência em escolas de ponta no mundo, cujos benefícios têm sido comprovados não apenas na promoção da consciência ambiental, da saúde física e emocional de todos mas também na melhoria do aprendizado dos alunos.

Seguindo a ideia de que o ambiente escolar em si educa (*tema de matéria na pág. 6*), temos aproveitado mais nosso Espaço *Maker* e laboratórios científicos, incluindo o recém-renovado Laboratório de Física. São ambientes enriquecedores, que estimulam a autonomia e o protagonismo criativo dos alunos a partir de atributos arquitetônicos como maior espaço para circulação, maior disponibilidade de ferramentas e bancadas modulares para trabalhos em grupo.

Em termos de formação da equipe, temos investido em iniciativas que atendem a determinados grupos de professores e gestores. Para os

que entraram na escola nos últimos dois anos (durante o ensino remoto), renovamos a parceria com a pesquisadora Flávia Vivaldi, especialista em educação moral e gestão de conflitos, para que todos tivéssemos o mesmo repertório de conceitos e condutas no retorno à convivência presencial.

Para a equipe do Fundamental I, promovemos formações específicas sobre avaliação escolar, como oficinas de composição de questões ou cursos de avaliação por rubricas, processo que se utiliza de indicadores de aprendizagem para registrar o desenvolvimento do aluno – uma ferramenta interessante até para a autogestão do estudante. Cito, ainda, formações voltadas para coordenadores e orientadores sobre temas como gestão de processos e metodologia ágil.

Temos tomado medidas de revisão de currículo e aperfeiçoamento de práticas. É o caso do novo currículo de tecnologia e letramento digital que estamos implementando (*v. pág. 9*) ou da nova proposta de ensino integral bilíngue (*v. pág. 16*). Ou, ainda, da consultoria recente prestada pelo professor Luciano Basso, da Escola de Educação Física e

Esporte da USP, sobre nosso programa de Iniciação Esportiva, do Sabin+Esportes&Cultura. Isso para não falar no novo Ensino Médio, que já conta com grande aprovação e engajamento dos alunos.

Não paramos por aí. Ainda este ano, outras novidades serão apresentadas, sempre no sentido de promover uma formação dos alunos alinhada às demandas éticas, sociais, ambientais e tecnológicas do século XXI. Não é à toa, portanto, nossa efervescência e nosso entusiasmo – em vez de esperar o futuro, estamos querendo criá-lo. E, se o que fizemos até aqui nos enche de orgulho, o que faremos adiante será ainda melhor.



Giselle Magnossão
Diretora pedagógica do Colégio Albert Sabin
albertsabin.com.br



Cultivando novas ideias
Revista do Sabin,
3º trimestre
letivo 2022
ano XXVIII – nº 82
Alunos da capa:
Nicolas A. R. do Val
e Felipe T. L. Vieira,
alunos do 4º ano E.

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.
Colégio Albert Sabin
Av. Darcy Reis, 1.901,
Prq. dos Príncipes, São Paulo/SP –
(11) 3712.0713
www.albertsabin.com.br
Escola AB Sabin
Av. Martin Luther King,
2.266/2.280, São Francisco,
São Paulo/SP – (11) 3716.5666
www.absabin.com.br

Mantenedores:
Gisvaldo de Godoi,
Neusa A. Marques de Godoi,
Cristina Godoi de Souza Lima
Direção pedagógica:
Giselle Magnossão (Albert Sabin),
Sílvia Adrião (AB Sabin)
Direção administrativa:
Fernando A. Mello
Marketing: Natália Giraldo
Colaboradores: Áurea Bazzi,
Cláudio Pinheiro, Denise
Araújo, Dionéia Menin, Giselle
Magnossão, Paulo Rogério Vieira,
Sílvia Adrião, Suzy Vieira
Projeto e coordenação editorial:
Bandeira 2 Comunicação Ltda.
Jornalista responsável:
Alexandre Bandeira
(MTB 0049431/SP)
Designer: Giovanna Angerami
Textos: Alexandre Bandeira,
Gerson Sintoni (págs. 14-15;
18-19), Maria Carolina Maia
(págs. 4-5)
Fotografias: Rodrigo Jacob,
Equipe Pedagógica
Revisão: Adriana Duarte
3º trimestre letivo 2022.

4+5



Conversa Paralela
Autora e pesquisadora fala sobre o hábito de leitura na infância

6+7+8



Educação Infantil
Cantinhos investigativos na sala de aula convidam ao aprendizado

9+10+11



Ensino Fundamental I
Novo currículo reforça a importância das novas tecnologias digitais

12+13



Ensino Fundamental II
O que pensam alunos que disputam olimpíadas acadêmicas

14+15



Ensino Médio
Pesquisa sobre drogas amplia o olhar dos alunos sobre o tema

16+17



Idiomas
O novo período integral bilíngue do Sabin já começou

18+19



Esportes&Cultura
Arte e esporte na promoção do bem-estar físico e mental dos alunos

20+21



A Gente Quer Saber
O escritor Fernando Nuno responde às dúvidas do 5º ano B

22+23



Livre Expressão
Alunos refletem sobre a convivência no meio digital

24



Encantamento
Ex-aluna fala do encanto pela língua portuguesa e de como se fez professora



Para gostar de ler

Autora de livros infantis aponta caminhos para construir novas gerações de leitores.



Patricia Auerbach,
escritora e ilustradora

Um garoto vê folhas de jornal pelo chão, ao lado da poltrona do pai. Mesmo sem entender as notícias, embarca em uma aventura: com o papel, fabrica uma espada, um chapéu e um navio pirata coberto de letrinhas. A brincadeira é apenas uma das ideias que o protagonista do livro *O Jornal* se vê capaz de criar com dobraduras e imaginação. Mas, para ser contada, essa história também precisa da imaginação de cada leitor, já que o livro, da paulistana Patricia Auerbach, não tem texto, só imagens. Autora de 13 livros e ganhadora de diversos prêmios, Patricia é, ainda, pesquisadora de Educação e Tecnologia e formadora de professores, em oficinas nas quais aborda a leitura de livros infantis ilustrados. A seguir, ela explica como a aproximação da criança com os livros pode prescindir de palavras, mas não de modelos familiares, liberdade de escolha e afeto.

O que um bom livro deve ter?

Um bom livro é aquele que emociona, que faz pensar, que nos tira da zona de conforto. Eu muitas vezes fico brava, triste ou entediada com um personagem ou uma história. E isso é bom. Gosto de ser provocada a sentir coisas novas, a me colocar em posições diferentes e a pensar sobre o que vivo. Gosto quando dá tristeza chegar à quarta capa, um vazio por deixar pessoas com quem “convivi” por dias. O gênero não importa: pode ser prosa, poesia, biografia, ensaio. Não gosto de livro que não me faz sentir nada.

Como fazer o leitor sentir por meio de ilustrações?

A ilustração pode ter diversos papéis. Há o livro-imagem, sem palavras. Há o livro ilustrado, em que ilustração e texto se combinam para contar uma história. E há ainda

o livro com ilustração, que prescinde da imagem: ela está ali para enriquecer a experiência da leitura, mas o texto dá conta da narrativa. É o caso dos livros clássicos, que aliás vêm da linguagem oral: os contos de fadas, as histórias de princesas, que você entende só de ouvir.

Qual desses estimula mais a participação do leitor?

As duas linguagens – texto e ilustração – instigam a imaginação, de formas diferentes. O livro só de texto descreve cenas, personagens e acontecimentos, mas não dá a imagem ao leitor, que precisa completar o visual de tudo isso. Isso dá uma camada interessantíssima de criatividade ao leitor. O livro-imagem convida o leitor a criar diálogos, a inserir palavras na história. Já no livro ilustrado, em que texto e imagem dialogam, você tem em geral menos texto, porque muitas informações são transmitidas pela ilustração, mas sempre há lacunas para se preencher. Sobretudo nos livros em que a linguagem visual e a verbal são autônomas, não se repetem. Cada linguagem diz uma coisa, e o leitor precisa juntar as duas informações com imaginação, abstração, interpretação. O leitor está sempre presente nesse trabalho de coautoria.

Compreender isso faz diferença para quem lê para uma criança?

Com certeza. Se a narrativa depende da ilustração, eu devo garantir que, enquanto o texto é narrado, a criança veja as ilustrações. A imagem precisa chegar junto com o texto para que a criança combine as duas linguagens e construa a narrativa na cabeça, preenchendo as lacunas com o seu repertório. Do contrário, se ela primeiro tem acesso ao texto e depois à ilustração ou vice-versa, fica parecendo cinema mudo, que hoje nem faz mais sentido.

Para formar filhos leitores, quão importante é o exemplo dos pais?

O modelo é, talvez, a coisa mais importante na construção de leitores. O modelo e o afeto. Os pais devem dedicar tempo à leitura dentro da própria rotina, ter um momento reservado para ler, como um ritual. O livro passa a ser um hábito e um valor cultivados em casa. Também é legal que eles leiam para as crianças, o que insere o afeto no processo. O encontro da criança com um leitor adulto experiente, que ajuda a escolher uma obra e dá vida às suas palavras, é um momento que pais, tios e avós podem proporcionar. Esse recorte no tempo, essa exclusividade e esse carinho pesam muito.

E como a escola pode contribuir?

Aqui também é preciso ter em mente o afeto como facilitador de vínculos: o professor que faz recomendações cuidadosas, o prazer de visitar uma biblioteca, um bom momento de leitura em sala, o respeito à opinião de cada aluno. Cada um tem uma bagagem, um gosto, e o papel da escola é oferecer o maior número de alternativas para que os alunos tenham chance de conhecer gêneros, estilos e maneiras diferentes de escrever, ver e pensar o mundo. Tem alunos que gostam de quadrinhos. Outros, de uma literatura mais densa. Tem aqueles que se inclinam para uma trama mais fluida e descomplicada. Com o tempo, eles podem ir “subindo a régua”, e nós podemos acompanhá-los. O crucial, primeiro, é criar o hábito, e, para tanto, temos de acolher obras que nós mesmos não curtimos tanto. Se esse é o assunto que o aluno quer trazer, se é sobre esse personagem que ele quer falar, vamos lá.

Pais e professores devem se preocupar se uma criança se identifica com o vilão da história?

De forma alguma. Durante a leitura, a gente se identifica com traços dos personagens. Todos nós, como seres humanos, temos sombras. Sentimos tristeza, raiva. É natural. E os vilões, que trazem esse tipo de sentimento às vezes até de forma caricata, nos ajudam a elaborar nossos próprios sentimentos. Seria cruel dizer para uma criança que ela só pode ter sentimentos bons. É importante falar dos sentimentos menos nobres, e usar personagens é uma estratégia para não apontar o dedo ou expor ninguém.

Adaptações de livros para quadrinhos, filmes ou exposições aproximam o leitor dos originais?

Acredito que, quanto mais se experimentar uma história em diferentes formatos, mais rica será a leitura. É triste quando a adaptação é a única forma de conhecer uma determinada obra, mas, se ela entra para somar, só aprofunda o entendimento. Ela pode ser um gatilho de boas conversas. Como é a adaptação, como foi feita? Eu faria diferente? Será que a minha interpretação seria outra? Ter elementos para comparar, é o que mostram pesquisas na área da Educação, facilita a construção de diálogos. Por exemplo: você pode mostrar a Mona Lisa sozinha a uma criança ou mostrá-la junto a uma obra contemporânea e enriquecer a discussão.



O ambiente educador

Salas de aula com vários cantinhos investigativos instigam a criança a aprender com mais autonomia.

A aula nem havia começado, mas desde o início era evidente que algo especial aguardava a turma do Pré I naquele dia. A sala estava ambientada como um convite à investigação, cada canto dispondo de materiais e ferramentas que viabilizavam possibilidades variadas de exploração. Todas, porém, ligadas ao tema que os alunos vinham estudando: o universo em miniatura dos bichinhos de jardim.

Em algumas mesas, havia papéis, canetinhas e giz coloridos; em outras, pinças, lupas e microscópios. Distribuídos pela sala, havia, ainda, pedras, plantas, caixas de terra com réplicas de grilos, joaninhas e outros insetos; blocos de argila, gravetos, folhas secas; flores de várias espécies, recolhidas dos espaços verdes do Colégio; além de uma seleção de livros sobre o mundo animal. Só o que não havia era a obrigação de que todos fizessem a mesma atividade. Os alunos estavam livres para seguir o próprio interesse, aonde ele os levasse. Desenhos de observação, experimentos artísticos ou científicos, leituras, brincadeiras de faz de conta – tudo ali era permitido, e o que mais eles pudessem imaginar.

Aquela era, de fato, uma aula especial, mas não no sentido de ser uma ocasião isolada. Cada vez mais, as professoras da Educação Infantil do Sabin têm dedicado tempo e planejamento para transformar as salas de aula em ambientes instigantes como aquele, com recursos que esti-

mulam a curiosidade dos alunos de mais de uma maneira.

Segundo a coordenadora Dionéia Menin, esse trabalho parte da noção de que o espaço físico em si também pode ser um educador da criança. Não por acaso, ela nota, tem-se dado tanto valor, no meio escolar, a experiências em ambientes abertos da natureza, geralmente mais ricos em estímulos do que os espaços limitados por quatro paredes. Mas isso não implica a condenação da sala de aula. “De modo geral, a sala de aula é mais fria que a natureza, que é mais quente, tem mais cheiros, mais cores; tem mais alma”, diz Dionéia. “Então, na sala, o professor precisa imprimir essas sensações trazendo novos elementos, inclusive da natureza, que atraíam a atenção da criança”.

A ideia, explica a coordenadora, é que o ambiente é fundamental na criação de contextos. Assim como uma casa arrumada é um contexto no qual os convidados se sentem bem recebidos, uma sala de aula preparada com intencionalidade pedagógica, com cuidado estético e critério na escolha dos materiais e propostas, cria um contexto em que o aluno sente vontade de investigar, de aprender.

“Um ambiente bem planejado orienta a ação dos alunos”, diz a professora do Pré I Diana Carrillo, que foi a responsável por aquela aula sobre os bichos do jardim. Ela ressalta, porém, que orientar não significa guiar. “Eles ficam livres para escolher o que explorar, e nós ficamos

na escuta, atentas ao conhecimento que eles forem construindo”.

Nesse sentido, a variedade de materiais e possibilidades investigativas numa sala é essencial. Assim, a cada aula, é importante ter cantinhos que convidem à expressão artística; outros que estimulem a criatividade e a imaginação; outros que agucem a curiosidade científica e a habilidade de se levantar hipóteses e fazer relações; outros, ainda, que exercitem a psicomotricidade. “Eles não deixam de passar por todos os cantos, porque nós buscamos rodiziar, mas eles têm mais protagonismo no processo de aprendizagem”, diz a professora.

De olho nas descobertas

“As crianças têm uma potência imensa; se pararmos e ouvirmos, vamos perceber que elas elaboram teorias muito criativas”, diz Andrea Silva, orientadora da Educação Infantil do Sabin, para quem uma abordagem pedagógica centrada no interesse dos alunos não é mais rica apenas para eles; é também para as professoras, que precisam recriar suas práticas de aula a cada turma. “Nós estamos aprendendo sempre, porque cada uma de nós vai olhar para os seus alunos. Aquela aula dos insetos foi o olhar da Diana para o seu grupo; outra professora vai enxergar outras demandas e vontades no grupo dela”, diz Andrea.

“O planejamento tem de ser uma proposição aberta, flexível”, diz a assessora e professora de Arte Roberta Moretti, que cita um bom exemplo dessa



Na aula do Pré I sobre bichinhos do jardim, várias possibilidades de aprendizado: papéis para desenhar, lupas e microscópios para ver de perto, livros para se informar.





No relato da professora de Arte, a curiosidade dos alunos pelo pó do giz inspirou uma aula de marmorização que nem havia sido planejada.

questão. Durante uma aula recente, ela percebeu que alguns alunos riscavam freneticamente tocos de giz em uma lousinha, sem intenção aparente de produzir algo coerente. Observando de perto, ela descobriu o que os motivava. “Eles estavam interessados no pó do giz que caía no chão”, lembra Roberta. “Naquela aula, a ideia era explorar o desenho e a escrita, mas o giz virou materialidade”.

Aproveitando a situação, para a aula seguinte ela preparou um ateliê de marmorização, no qual os alunos aprenderam a ralar o giz em peneiras sobre bacias d’água, criando manchas coloridas com o pó que caía na superfície do líquido. E, então, pousando folhas de papel na água, produziam arte. “O interessante é que aquilo não fugiu tanto do plano original. Eu já ia trabalhar com técnicas de monotipia [reprodução de gravuras ou manchas de cor em provas únicas], mas aquilo foi inspirado na descoberta dos alunos”, diz Roberta.

Para a professora Diana, o que se aprende a partir do interesse autêntico, das experiências e trocas com colegas torna-se mais significativo que o fazer dirigido. Roberta concorda: “Você nota a profundidade desse aprendizado: vi alunos explorando a densidade do giz, experimentando se ele boiava ou afundava na água”.

“Quando a aprendizagem é envolvente, até na questão comportamental você percebe diferença. Eles ficam mais atentos e mais participativos nas atividades”, diz Dionéia, ressaltando a importância do cuidado estético nessa missão de envolver a criança. “É por meio da estética que você torna a sala de aula mais convidativa”.

Mas nada que demande decorações caras ou aparelhos mirabolantes, diz a coordenadora; pelo contrário. Segundo ela, o uso de materiais não estruturados – como argila, gravetos, canos de PVC, rolhas ou utensílios de cozinha – é até mais frutífero, justamente porque podem ser explorados de muitas formas, ao sabor da imaginação infantil. Que, afinal, é o motor mais potente do aprendizado.

Casa também é ambiente de aprendizagem

1. Um cantinho especial da casa com objetos diversos (lápiz, tintas, papel, cola, canudos, potes, panelas, etc.) e elementos da natureza (folhas, pedras, gravetos, etc.) convida à exploração.
2. Caminhadas em lugares abertos abastecem esse cantinho de novos tesouros. Aproveitem esses momentos para observar e coletar pedras diferentes, conchas, objetos curiosos.
3. Valorizar a estética é essencial para o encantamento da criança. Um lençol vira uma tenda, um cartaz criativo desperta a imaginação. Pais e filhos podem decorar juntos.
4. A natureza ensina: as descobertas mais incríveis podem vir acompanhadas de roupas molhadas, pés descalços na grama, mãos sujas de terra e de lama.
5. O tempo da brincadeira é coisa séria. Quando pais e filhos brincam juntos, é sempre mais gostoso e motivador quando todos estão realmente envolvidos.

Ensinando aos nativos

Mesmo para “nativos digitais”, aprendizados sobre novas tecnologias são fundamentais e permeiam as demais disciplinas.

Em aula recente, no início de setembro, alunos do 5º ano do Fundamental foram incumbidos de pesquisar a geografia natural e humana do Centro-Oeste brasileiro. Munidos de computadores com acesso à internet, eles descobriram o tipo de relevo, o clima e a vegetação predominantes naquela região do País, além de suas principais indústrias e atividades econômicas. A aula foi de Geografia, mas os dados coletados não foram o único ponto de interesse pedagógico: para aqueles alunos, a pesquisa em si representou, talvez, um aprendizado ainda mais importante.

Como usar buscadores, como o Google, para encontrar as informações pretendidas? Como avaliar quais resultados são fontes mais completas e confiáveis de informação? Por que alguns sites aparecem acima de outros, em ordem de relevância, e como distingui-los de sites patrocinados para figurar no topo da lista? O que significam os diferentes tipos de domínio, como .com ou .gov, e como saber o país de origem de um site pelas duas letrinhas finais da URL, como .br, .uk ou .fr?

Com a orientação da equipe de Tecnologia Educacional (TE) do Colégio, os alunos daquela turma – meninos e meninas de 9 e 10 anos de idade – adquiriam ali alguns conhecimentos simples, mas

fundamentais, num mundo em que lidar com a informação com senso crítico e responsabilidade tornou-se cada vez mais necessário. Conhecimentos que, como nota o assessor de TE do Sabin, Paulo Fontes, ninguém nasce sabendo.

“Muito se fala que as novas gerações são de ‘nativos digitais’, mas esse termo engana. Uma criança pode intuir o funcionamento básico de uma tecnologia *touch screen*, mas não saber usar *mouse* e teclado, por exemplo. É um conhecimento limitado”, diz Paulo, que vê na utilização de ferramentas de busca, pelos alunos do 5º ano, uma prova nítida desse limite. “Eles ainda faziam perguntas completas para a máquina, sem entender que o algoritmo busca por palavras-chave. Foi importante mostrar a eles como escolher os termos da pesquisa, como usar aspas para buscar expressões inteiras, entre outras técnicas”.

E essa foi apenas uma das atividades que, ancoradas em projetos de outras disciplinas (nesse caso, de Geografia), estão sendo realizadas para promover o letramento digital dos alunos do Sabin, nos vários sentidos da expressão, ao longo de todas as séries. Um objetivo amplo, que vai desde mostrar aos alunos como utilizar computadores, *tablets* e celulares para acessar informações até ensinar-lhes linguagens de programação e desenvolver neles o tipo de



habilidades cognitivas e sociais mais valorizadas no mundo contemporâneo.

Do editor de texto à cidadania digital

Desde a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a inserção de tecnologias digitais na escola tem recebido atenção crescente, como meio de promover a cultura digital, considerada uma das dez competências gerais que todo estudante, hoje, precisa aprender. Descrita pela BNCC como a capacidade de “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) de forma crítica, significativa, reflexiva e ética”, a cultura digital abrange, assim, uma série de saberes e procedimentos, para os mais variados fins: resolução de problemas; aprendizado; pesquisa, troca e disseminação de informações; socialização; consumo e elaboração de conteúdos em diferentes linguagens e mídias, incluindo *games*, entre muitos outros.



“No último ano, revisamos nosso planejamento relativo às novas tecnologias para garantir o aprendizado dos alunos nas várias frentes”, diz Paulo Fontes. “Isso inclui desde editores de texto e planilhas até programação, passando por discussões sobre cidadania digital. E, nisso, a melhor referência que temos é o currículo do CIEB”.

Ele se refere ao “Currículo de Referência em Tecnologia e Computação”, do Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB), documento criado para ajudar as escolas a traduzirem aquele objetivo geral descrito na BNCC em habilidades bem específicas. Assim, o currículo prevê o ano ou a série escolar mais adequados para desenvolver nos alunos cada uma dessas habilidades, como, por exemplo, “compreender noções sobre a formação de URLs”, “usar simuladores educacionais” ou “integrar diferentes formatos de arquivo em um documento”.

Naturalmente, o Sabin não partiu do zero. “Cotejamos a proposta do CIEB com o que já fazíamos, para definir o que ainda precisávamos incluir e como esse conteúdo conversaria com o planejamento das outras disciplinas”, diz Paulo.

Para o assessor, um dos aspectos mais interessantes no currículo é a divisão das habilidades previstas em três grandes eixos: **Pensamento Computacional**, **Tecnologia Digital** e **Cultura Digital**. “Na ordem das coisas, o pensamento vem antes, porque, para utilizar as TDICs, na prática, é preciso capacidade de abstração, de reconhecimento de padrões,

“Várias habilidades exercitadas na Matemática compõem o Pensamento Computacional, como a abstração no uso de símbolos, ou a decomposição dos termos nas expressões numéricas.”

Maria Teresa Mastroianni, assessora de Matemática

“Nossos projetos ensinam os alunos a pesquisar com um olhar mais cuidadoso sobre as fontes de informação utilizadas, para não contarem com o senso comum. Isso também é cultura digital.”

Luciana Vidal, assessora de História e Geografia

“Queremos quebrar a passividade dos alunos frente à tecnologia; transformá-los em usuários hábeis não só como consumidores mas também como produtores de informação e conhecimento.”

Paulo Fontes, assessor de Tecnologia Educacional



de decomposição de passos, etc.”, diz Paulo. Até por isso, ele nota, várias atividades previstas no currículo são “desplugadas”, como a resolução de problemas simples de Matemática.

Tome-se como exemplo o seguinte problema: Por 10 dias seguidos, um homem corta 20 toras de lenha pela manhã e mais 30 à tarde. No último dia, divide toda a lenha cortada em 5 pilhas iguais. Quantas toras há em cada pilha?

O enunciado pode ser representado pela expressão numérica: $10 \times (20 + 30) \div 5$. Para saber isso, porém, o aluno precisa trabalhar com símbolos, agrupar elementos semelhantes e ordenar as operações numa sequência correta de passos. As mesmas habilidades, portanto, que ele usará ao escrever algoritmos para programar robôs ou personagens de um *videogame*. Da mesma forma, é transpondo os dados encontrados numa pesquisa em tabelas ou gráficos, por exemplo, que o aluno pode começar a se aproximar de ferramentas como o Excel ou o PowerPoint.

“E a cultura digital é o que permeia tudo”, conclui Paulo, explicando que as habilidades referidas nesse eixo do currículo são aquelas relacionadas ao uso ético e seguro das TDICs, como o discernimento de fontes de informação, o cuidado com a privacidade ou as normas de boa convivência no meio digital.

Nesse sentido, diz ele, mais que ensinar os alunos a utilizar as novas tecnologias, o objetivo maior da escola é o de promover, nessa geração de “nativos digitais”, as formas de pensamento e de atuação social mais adequadas a um mundo no qual essas tecnologias, definitivamente, já são uma realidade.

Os vários saberes do mundo digital

No Sabin, aprendizados relativos às tecnologias digitais permeiam projetos de outras disciplinas ao longo de toda a escolaridade. São classificados em três eixos:



Fonte: CIEB



Quanto mais desafiador, melhor

Para quem disputa olimpíadas acadêmicas, o conhecimento e a superação são as maiores recompensas.



Poucas pessoas trocariam uma atividade com os amigos pelos estudos, no fim de semana, sem algum sofrimento, mas **Pedro Vitor Lutke**, da 1ª série do Ensino Médio, não só o faz com certa frequência como tira prazer da situação. Ele não é um jovem antisocial, e suas amizades, garante, não se prejudicam pelo tempo que dedica a estudar suas disciplinas preferidas. Mas, para Pedro, enfrentar questões de Matemática e de



Física pode ser tão divertido quanto qualquer outro programa de sábado. “Não sei explicar. Só acho extremamente satisfatório quando consigo resolver um problema”, diz o aluno.

Mas o prazer não é o único benefício de quem participa de olimpíadas acadêmicas. Proporcionando vantagens reais no processo seletivo de certas universidades e ganhos importantes de habilidades socioemocionais, as olimpíadas têm atraído um número crescente de interessados. Em junho, por exemplo, nada menos que 200 alunos do 6º ao 9º ano do Sabin participaram da 1ª fase da OBMEP (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas – que, apesar do nome, inclui escolas particulares).

Raciocínio e comprometimento

Abertos para todos os alunos de alto desempenho, os módulos preparatórios consistem em uma aula de 90 minutos, por semana, para cada disciplina promovida pelas olimpíadas acadêmicas mais tradicionais no País: Matemática (a partir do 6º ano), Física e Química (a partir do 8º). Assim, um aluno que participe de competições nas três disciplinas pode receber até quatro horas e meia a mais de aulas por semana, no contraturno, como preparação para as disputas. (Para outras competições em que o Sabin tem tradição de participar, como as olimpíadas brasileiras de Astronomia, de Ciências ou de História do Brasil, a preparação dos alunos já está integrada ao currículo regular ou se dá em aulas extras de acordo com a demanda.)

Responsável pela gestão dos módulos, o professor de Física Jackson Padilha explica que eles diferem das aulas regulares não apenas pelo volume de exercícios trabalhados mas também por seu grau de dificuldade. “Nos níveis básicos, ainda usamos problemas retirados dos livros da grade regular, mas, à medida que avançam, os alunos entram em contato com questões de provas do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), do IME (Instituto Militar de Engenharia), de materiais da Rússia, da Índia...”, enumera o professor. “São questões que mobilizam mais conteúdos que os problemas de provas convencionais”.

“Você utiliza conhecimentos que aprendeu no curso regular, mas normalmente tem de usar mais lógica para

saber como resolver o exercício”, diz Clara Reis. Segundo a aluna, se, num problema de Matemática convencional, “descobrir o X” é só questão de aplicar a fórmula certa, nas provas de olimpíadas, a resposta nunca é tão simples. “Você tem de usar álgebra com geometria, aritmética, com tudo, para chegar ao resultado”.

“O desenvolvimento do raciocínio é bem mais complexo”, concorda **Diego Romano**, também do 9º ano, acrescentando que as aulas dos módulos antecipam conceitos do currículo de séries à frente. “Já estamos vendo conteúdo da 2ª série do Médio; quem está no Médio já vê matéria da faculdade”.



Não é só no conteúdo que os módulos diferem das aulas regulares. Segundo Jackson, a didática dos professores pode ser mais bem adaptada aos alunos individualmente, devido ao tamanho reduzido das turmas. “Conseguimos avaliar o nível de cada aluno com mais precisão, vemos o que cada um é capaz de absorver”, diz o professor. “Às vezes, passo material para um e não para outro, respondo a dúvidas individuais por WhatsApp fora do horário das aulas”.

Além disso, dado o grau de comprometimento de todos, os módulos avançam com celeridade. “O professor não precisa ficar repetindo aulas passadas, porque a gente passa a semana revirando a matéria para fazer os exercícios”, diz Pedro Vitor Lutke. “Na aula seguinte, já tá todo mundo ‘brabo’”.

Autogestão e resiliência

Tamanho empenho não se explica, é claro, pela busca de medalhas – que,

embora representem grandes conquistas, valem ainda mais como símbolos dos vários frutos colhidos por quem disputa olimpíadas acadêmicas. A começar pelas vantagens na corrida por uma vaga no Ensino Superior.

Segundo Cláudio Pinheiro, além dos benefícios diretos que medalhas podem render para vestibulandos – atualmente, alguns cursos das universidades estaduais paulistas (USP, Unesp e Unicamp) reservam vagas para medalhistas –, há também os indiretos, que é o maior preparo para enfrentar provas extensas de vestibular. Victor Barbosa concorda: “Neste ano, tivemos nosso primeiro simulado, e muita gente teve dificuldade de ficar concentrada na cadeira, fazendo exercício. Nós já fazemos isso várias vezes por ano”, diz o aluno.

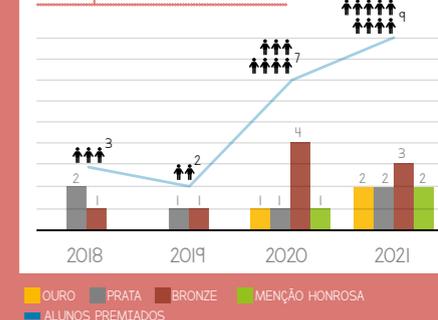
Para Jackson Padilha, não só a auto-gestão do tempo de prova dos alunos dos módulos melhora, como aumenta sua resiliência perante a frustração. “Numa olimpíada, a chance de ‘fracasso’ é grande, porque você compete com caras que estudam muito”, diz o professor. “Por isso, sempre trabalho com eles esta possibilidade: se não der medalha, vamos insistir, estudar mais”. Novamente Victor: “Você se acostuma a tentar resolver um exercício por bastante tempo, mesmo dando errado várias vezes. Isso ajuda também”.

Já Pedro Vitor ressalta a disciplina que o treino para as olimpíadas promove: “Você não vai conseguir com o esforço de outra pessoa, tem de ser o seu”. É a mesma lição que Diego Romano já demonstrou ter aprendido, ao definir o significado de uma medalha: “Não é ‘parabéns, você foi bem na prova’, porque você não foi bem do nada. Você fez coisa pra caramba. A medalha não é pelo resultado, é pelo progresso”.

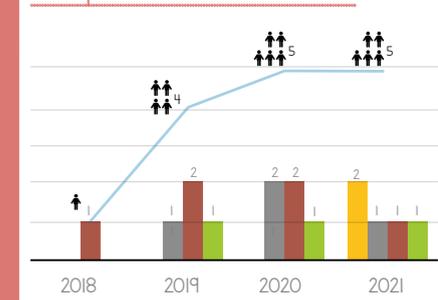
Esforço recompensado

Participar de olimpíadas acadêmicas está longe de se resumir a uma busca por medalhas. Mas, quando elas vêm, são conquistas que merecem ser celebradas! Abaixo, o desempenho do Sabin em olimpíadas de Física e de Matemática (estaduais e nacionais), nos últimos quatro anos, reflete o comprometimento dos alunos com a missão de saber sempre mais.

Olimpíadas de Física



Olimpíadas de Matemática



Estreia premiada

Participando pela 1ª vez da Olimpíada GeoBrasil (que abrange Geografia e Ciências da Terra), em 2022 o Sabin teve três grupos premiados:

- 3ª série - PRATA**
Ana Clara M. Satiro
Maria Fernanda N. M. Fonseca
Pedro R. Scrideli
- 2ª série - PRATA**
Enrique C. Lemes
Mariana S. Appolari
Matheus S. Afonso
- 1ª série - BRONZE**
Juliana S. Berti
Laura N. Amaral
Tarsila G. S. Namiki



Seu colega **Victor Barbosa** entende o sentimento. “Quando termino as lições do dia, tenho tempo livre? Não! Vou estudar”, diz Victor, com o sorriso de quem não vê a escolha como sacrifício. “Gosto de sempre aprender um pouco mais. Acho legal tentar chegar ao limite”. Um ano mais nova que ambos, **Clara Reis** pensa parecido. “É conhecimento a mais: você não perde nada, só ganha”, diz a aluna do 9º ano. “E é viciante. Depois que começa, você não quer parar”.

Em comum, Pedro, Victor e Clara participam dos módulos de preparação para olimpíadas acadêmicas, que o Sabin oferece a partir do 6º ano. Segundo o coordenador do Fundamental II, Cláudio Pinheiro, os módulos visam atender justamente alunos como eles, que “enxergam beleza nas ciências” – não por sua aplicação apenas, mas pelo prazer do conhecimento. Para alunos assim, diz o coordenador, o lema do Sabin de que ensinar é criar oportunidades remete à oportunidade de ir além do conteúdo regular das disciplinas, de “subir a régua de dificuldade” dos exercícios para se sentirem mais motivados. “Tem gente que associa prazer a estar com amigos, ver séries, comer pizza, jogar fute-



Além do senso comum

Pesquisas da 2ª série ampliam o olhar dos alunos para uma questão importante e delicada.

É um tema presente na sociedade, importante e delicado, com implicações na vida de quase todo mundo, mesmo que apenas indiretamente. E não é a primeira vez que ele é abordado como projeto de pesquisa na 2ª série do Ensino Médio do Sabin. Neste ano, porém, o assunto “Drogas” está sendo estudado por essa turma com um olhar ainda mais abrangente do que em anos anteriores. Para além do aspecto bioquímico de substâncias como álcool, tabaco e anabolizantes, neste ano os alunos também se debruçaram sobre as dimensões sociológicas da questão. Iniciado no primeiro semestre, o projeto já rendeu, até o momento, a produção de artigos e seminários, e vai culminar, até o fim do ano letivo, na criação de minidocumentários.

Segundo a assessora de Química Cláudia Tuoni, a realização desse projeto de pesquisa entre alunos da 2ª série é uma tradição que precisa ser mantida, para conscientizá-los de riscos que não podem ser ignorados, dada a facilidade de acesso que, nessa idade, muitos deles começam a ter em relação a essas substâncias, mesmo as ilícitas. “É muito importante para os jovens ter contato direto, não superficial, com o tema, por meio de sites especializados, números oficiais e artigos científicos, para que tirem suas próprias conclusões”, nota Cláudia.

Nessa linha, a nova abordagem mais interdisciplinar do projeto busca promover um conhecimento ainda menos superficial. A ideia partiu do professor de Química André Fernandes, que buscou ajuda no colega Cosme Marins, professor de Sociologia da turma. “Cosme poderia trazer uma discussão que eu não teria como fazer, sobre as causas e consequências sociais do problema”, diz o professor.

Assim, enquanto André orientava os alunos em pesquisas sobre a composição química, o mecanismo de ação e os efeitos a curto e longo prazo de diversas drogas no organismo humano, Cosme propunha em suas aulas reflexões sobre a droga como elemento inegavelmente constitutivo da sociedade contemporânea. “Queira ou não, a droga está presente em nossa sociedade, inclusive como cadeia produtiva, com demanda e geração de renda”, diz o professor. “Pensar sociologicamente o problema significa pensar no custo para o Estado, em termos

de economia, de violência... Significa também pensar que tipo de indivíduo a nossa sociedade está produzindo, que precisa buscar refúgio nesse recurso. São muitos direcionamentos possíveis”.

Por melhores argumentos no debate

Os alunos iniciaram as pesquisas em abril. Divididos em grupos, eles foram atrás de fontes de informação sobre os tipos de droga definidos pelos professores, que os orientaram em suas aulas, cada um sob a ótica de sua disciplina. Paralelamente, a assessora e professora de Produção de Texto Denise Masson também se uniu ao projeto, pedindo aos alunos que escrevessem artigos em torno de recortes temáticos como “álcool e direção”, “cracolândia” ou “legalização da produção doméstica de canabidiol”. Na sequência, pesquisas e artigos foram vertidos para apresentações de slides, utilizadas em seminários entre agosto e setembro. E agora, em outubro, a turma começou a se debruçar sobre a produção de minidocumentários.

Para darem conta dos diferentes formatos discursivos, a orientação de Denise tem sido fundamental. Para além do exercício de forma e gênero textual, a professora tem como foco trabalhar principalmente a qualidade argumentativa dos alunos. E isso inclui a qualificação das fontes de informação, o uso referenciado de dados, citações e ideias, a construção de uma tese e a montagem do raciocínio que levou até ela. Um treinamento, enfim, do que muitos enfrentarão na universidade, na hora de produzir trabalhos de final de curso ou de seguir uma pós-graduação.

“Eles estão aprendendo que é preciso referência para opinar. A outra questão é que esse projeto ajuda a desmanchar preconceitos”, diz Denise. Ela nota, por exemplo, como a pesquisa sobre a cracolândia derruba uma visão de que o uso do crack é “coisa de pobre”, ou como a pesquisa sobre a relação entre consumo de álcool, acidentes de trânsito e mortes de adolescentes acende o alerta entre os alunos. “A grande questão que une os professores das várias disciplinas envolvidas nesse projeto é: o aluno de uma escola como o Sabin não vai sair daqui reproduzindo o senso comum”.

Ao acompanhar os primeiros seminários, em agosto, André Fernandes já identificou sinais positivos nesse sentido. “Tenho visto uma preocupação muito bonita dos alunos em citar todas as referências, e uma responsabilidade que eles demonstram por apresentar o seu tema de pesquisa para os demais, que não dominam ainda a informação”, elogia.

O valor da informação

Bernardo Theodoro, aluno da 2ª série A, cujo grupo pesquisou sobre crack e cocaína, diz que o trabalho ampliou a sua compreensão do assunto. “A droga destrói famílias inteiras”, lamenta. Para Gustavo Viana, da 2ª C, o problema deve ser combatido com informação, sendo preciso fazê-la chegar àqueles que mais necessitam, “a população das periferias”.

Daniel Pretto, aluno da 2ª D, se surpreendeu ao pesquisar mais a fundo o tema dos esteroides e anabolizantes. Praticante de musculação, atividade em que tais substâncias costumam ser utilizadas para acelerar o ganho de mús-

culos, ele percebeu como seu nível de informação sobre o tema era, até então, limitado. “O pessoal na academia leva a questão dessas substâncias meio na brincadeira, o que pode ser perigoso. Elas podem ter impactos bioquímicos, neurológicos, podem até provocar alterações hormonais”, alerta. É reação semelhante à de Ian Van Ende, da 2ª E, que participou do grupo sobre o tabaco. “Sempre soube que era prejudicial à saúde, mas vi que era muito mais sério. É a principal causa de morte evitável no mundo!”

Já Gabriela dos Santos, da 2ª B, nota como o tema do seu grupo – a automedicação – talvez seja a maior prova de que a boa informação é necessária. “Nem é um tema tão polêmico como os outros, mas é mais importante, porque é bem comum na sociedade; muita gente se automedica para aliviar a dor. Só que isso não é muito falado, não é discutido”, diz a jovem, que se sentiu iniciando um caminho de sua vida com o projeto. “Foi o primeiro seminário que fiz e o primeiro artigo científico. Isso vai ser muito útil na faculdade”, diz ela.

Sinais de alerta

Nas pesquisas dos alunos sobre drogas, alguns dados chamam atenção:

• **3,3 milhões** de pessoas morrem por ano no País por doenças associadas ao álcool.

• **162 mil** pessoas morrem por ano no Brasil por causas relacionadas ao tabagismo. São 443 vítimas/dia.

• O Brasil tem o maior índice de abuso de inalantes da América do Sul. A cola de sapateiro é a **3ª droga** mais consumida.

• Cerca de **10%** das internações hospitalares ocorrem por uso incorreto de medicamentos.

• Analgésicos são os mais consumidos por conta própria pelos brasileiros.

Inglês vivido integralmente

Novo período integral bilíngue fortalece a formação do aluno por meio de vivências diversas.

Numa manhã de agosto, a turma do período integral B do Sabin, que reúne alunos de 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, iniciou um projeto que levaria algumas aulas para ser concluído. Eles criariam coletivamente um desenho animado, utilizando para isso o *Scratch*, uma linguagem de programação simples, acessível para crianças da sua faixa etária.

Eles começaram assistindo a um vídeo tutorial do *Scratch*, depois seguiram para o Espaço *Maker*, onde desenharam, com papel e lápis, elementos e personagens que nas aulas seguintes seriam escaneados e manipulados digitalmente no computador, de acordo com o enredo inventado para a animação. Ao final, partiram satisfeitos para o almoço no restaurante do Colégio, antes de iniciarem as aulas da grade regular de disciplinas, à tarde.

Foi tudo como de hábito na rotina do Integral do Sabin, exceto por um detalhe: grande parte daquela manhã transcorreu em Inglês. Acompanhando a professora regente Ana Sílvia Faria, o professor Guilherme Fonseca passou a explicação do projeto para os alunos em Inglês (incluindo o tutorial do *Scratch*) e seguiu conversando com eles no mesmo idioma durante o almoço, no restaurante.

Mas não foi a primeira vez. Desde que voltaram das férias de julho, os alunos daquela turma estão

participando de uma nova iniciativa do Sabin que, começando por eles neste segundo semestre de 2022, deve se estender também para alunos do Infantil ao 5º ano do Fundamental a partir de 2023: o Período Integral Bilíngue.

Segundo a assessora do Departamento de Inglês, Renata Cunha, a rotina dos alunos cujas famílias optarem pelo Integral começará às 7h10 da manhã, com professoras regentes bilíngues recebendo suas turmas para um acolhimento inicial – algumas horas dedicadas a lições de casa, estudos e orientações educacionais. Então, por volta das 9h, inicia-se um período estruturado em torno de vivências diversas – corporais, culturais, tecnológicas e socioambientais – que se estende até o almoço (11h10 às 12h), seguido de um horário de higiene e descanso (12h às 13h). E, mesmo nesses momentos, a comunicação será predominantemente em língua inglesa.

O projeto totalizará, assim, mais de 20 horas por semana de atividades conduzidas em Inglês. A depender da atividade, as professoras regentes terão como parceiros o responsável pelo Espaço *Maker*, André Melo, ou professores de Educação Física – todos, diz Renata, com um alto nível de proficiência no idioma. “Até na hora do descanso, se forem dormir um pouco, eles vão sonhar em Inglês”, brinca a assessora.

O idioma e além

De acordo com a coordenadora do Departamento de Inglês, Denise Araújo, a ideia para o projeto partiu de duas concepções pedagógicas que o Sabin quer enfatizar. “A primeira é a de que ‘período integral’ não pode significar somente mais tempo da criança na escola. Período integral significa aproveitar esse tempo a mais para fortalecer a formação integral do aluno, em suas diversas dimensões: cognitivas, físicas, sociais, emocionais, éticas”, diz a coordenadora.

A fala remete à segunda concepção ressaltada pelo Integral Bilíngue: mais que um projeto voltado apenas para a aquisição do segundo idioma, o Sabin quer promover, por meio do Inglês, um processo de multiletramento, de aprendizados múltiplos dos alunos. Daí a variedade de vivências previstas, distribuídas em quatro eixos, assim batizados:

• **Body & Mental Health** (“corpo e saúde mental”) – que abrange desde a prática de esportes até aprendizados sobre boa nutrição, relaxamento e *mindfulness*.

• **Drama, Arts & Music** (“teatro, artes e música”) – que abrange a prática de diversas expressões artísticas.

• **Little Explorers** (“pequenos exploradores”) – que promove projetos do chamado campo STEAM (sigla em Inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática).

• **Going green** (“tornando-se verdes”) – focado em temas ligados à sustentabilidade, como reciclagem ou plantio agroecológico, na horta do Sabin.

Segundo Renata Cunha, a reação da grande maioria dos pais, quando apresentados à proposta, foi positiva. “Ficaram muito encantados, porque sentiram que o Colégio está sendo um parceiro na educação dos seus filhos. Um pai me disse: ‘Eu já estava satisfeito antes, mas ver que vocês continuam pensando em melhorar, mesmo estando tudo bom, passa a certeza de que escolhemos a escola certa’”, lembra a assessora.

Para Denise, longe de ser uma mudança de rumo, o novo Integral Bilíngue é uma reafirmação do compromisso do Sabin com a construção de cidadãos globalizados – o que passa pela fluência em um segundo idioma, mas vai muito, muito além.



Cenas comuns nas manhãs do Integral B (2ºs e 3ºs anos), mas que agora contam com uma novidade: são todas vividas em Inglês, inclusive no almoço.

De corpo e alma

Como a arte e o esporte têm se mostrado fundamentais para a saúde física e mental dos alunos.

O professor Rubens Amaro, técnico da equipe de Handebol do Sabin, lembra quando um aluno o procurou pedindo dispensa da partida que aconteceria no dia seguinte, um sábado. A semana que vinha pela frente era de provas, e ele queria aproveitar o fim de semana para se preparar. Rubens ouviu o jovem e ponderou: “Duvido que você estude o sábado inteiro, de manhã até a noite”. Dando razão ao técnico, o aluno reconsiderou o plano e disputou a partida. E, assim que teve a oportunidade, agradeceu a Rubens pelo toque. “Foi muito melhor ter jogado, professor! Eu ia acabar maluco se tivesse ficado trancado em casa, só estudando”.

O episódio ilustra a importância de atividades que quebram a rotina de escola-casa-livros vivida pela maioria dos adolescentes, algo fundamental para que eles consigam manter o equilíbrio mental e emocional numa fase da vida em que as mudanças são intensas, e as pressões, crescentes.

Entre tais atividades, as opções do Sabin+Esportes&Cultura têm se mostrado particularmente relevantes, dadas as condições em que todos viveram nos últimos anos. Hoje, é ponto pacífico entre os professores do Programa que, passada a fase aguda da Covid-19 e retomadas as atividades presenciais, recondicionar o corpo e o espírito depois de quase dois anos de isolamento é um dos principais objetivos que a escola pode ajudar os alunos a alcançar.

“A doença fez com que os alunos se fechassem em seu mundo”, diz o professor de Teatro Ricardo Sonzin Jr. “Nesse período, eles perderam uma das coisas mais fundamentais que a escola tem a oferecer: a socialização”. Hoje, diz o professor, uma das funções que as aulas de Teatro têm cumprido é a de recuperar a habilidade dos alunos de conviver, trabalhar em grupo, debater. “O Teatro do Sabin é um esforço coletivo o tempo todo. Todas as cenas

e peças são representadas, escritas, analisadas e criticadas coletivamente”, diz.

Ricardo nota, ainda, que representar pode ser um mecanismo poderoso para os alunos acessarem e compreenderem, de forma mais consciente, todas as emoções que a adolescência, no geral, tende a exacerbar. “O Teatro é o espaço onde, por meio dos personagens, o aluno pode falar de si mesmo”.

Algo semelhante ocorre com os alunos da professora de Coral Márcia Bertti, que descobrem na música outra via de conexão com os próprios sentimentos. Para a profes-

sora, se a adolescência é muitas vezes um turbilhão de ideias conflitantes, angústias e medos sobre o futuro, cantar pode ser uma forma de baixar a fervura e aprender a sentir com mais serenidade, conectando-se ao presente. “A geração atual perdeu um pouco a capacidade de foco, e isso se intensificou na pandemia”, diz Márcia, que busca, com a música, ensinar os alunos a se reconectarem com o aqui e o agora. “Para cantar ou tocar instrumentos, você tem de estar presente; do contrário, não consegue executar bem”.

Para trabalhar a concentração dos alunos, ela recorre a exercícios de sensibilização. Pede, por exemplo, para que prestem atenção aos próprios batimentos cardíacos e respiração, e depois que expressem esse ritmo por meio de palmas, do caminhar pela sala, do movimento dos braços – e da voz. “É como se fosse uma meditação. Funciona muito”, garante Márcia, ressaltando, ainda, a importância de o aluno fazer tudo isso em grupo, unindo a própria voz a uma massa sonora.

Já para os alunos da professora Roberta Moretti, da Oficina de Arte, a oportunidade de desenvolver a própria individualidade criativa pode ser tão ou até mais importante do que o trabalho em grupo. Segundo ela, embora projetos coletivos também tenham espaço na Oficina, grande parte do curso é

“A falta de movimento acarreta uma série de distúrbios físicos, mas também mentais, em nosso organismo, que precisa de neurotransmissores como serotonina, dopamina e oxitocina para sentir bem-estar.”

Carolina Dias, professora de Educação Física e de Dança

dedicada a estimular os alunos a experimentarem novos registros pessoais – não porque precisam atingir objetivos predeterminados, mas porque escolheram estar ali; pelo prazer da experiência, da materialidade do fazer artístico e da descoberta de novas referências. “Trabalhamos muito a relação com o tempo. Não fazemos as coisas para entregar no prazo, o que é bem interessante para a higiene mental”, diz Roberta. “A Oficina é uma espécie de grande sala experimental, em que os alunos trazem o seu repertório e ampliam com as nossas dicas”.

Feito para se movimentar

Mas as atividades artísticas não são as únicas que ajudam os alunos a se conectarem com colegas, ou com as próprias ideias e emoções. Assim como a arte, a atividade física ou esportiva também tem relação direta com a mente e o coração dos alunos, como nota a professora de Educação Física e de Dança Carolina Dias. “O ser humano foi feito para se movimentar”, diz ela. “A falta de movimento acarreta uma série de distúrbios físicos, mas também mentais, em nosso organismo, que precisa de neurotransmissores como serotonina, dopamina e oxitocina para sentir bem-estar”, diz ela. “Ninguém se sente bem sempre, mas, se nos exercitamos, ficamos mais preparados para enfrentar os momentos de fragilidade”.

Inclusive como treino diante de situações de pressão. “Se um aluno se submete a entrar numa quadra e suportar as pressões de um jogo, ou de uma apresentação de dança, ele vai saber se acalmar também diante das provas do Ensino Médio, por exemplo”, diz a professora.

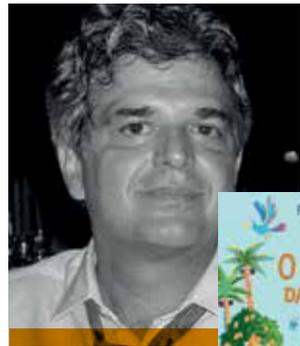
Carolina lembra que uma queixa frequente dos alunos mais velhos, em especial daqueles que estão se preparando para o vestibular, é o cansaço, usado por muitos como justificativa para desistir das atividades físicas. “Nessas horas, insisto para que tentem, para que façam um pouquinho. E quem não desiste depois agradece, porque consegue estudar melhor”. Exatamente como aconteceu com o aluno do time de Handebol, citado por Rubens Amaro.



Momentos significativos vividos na Oficina de Arte, no Coral, no Teatro e pelas equipes de Dança e de Handebol.



Arte e esporte ajudando os alunos a se conectarem com os colegas e com as próprias emoções.



Fernando Nuno



Como é a vida de escritor?

O escritor, jornalista e editor **Fernando Nuno**, conhecido por obras bastante elogiadas pela crítica e admiradas pelos leitores – entre elas, adaptações de clássicos da literatura para o público adolescente –, tinha 11 anos quando escreveu seu primeiro livro. Quase a mesma idade, portanto, dos alunos do **5º ano B** do Sabin, que tiveram a oportunidade de ler obras do Fernando, de conhecê-lo pessoalmente, em um encontro recente no Colégio, e de matar outras curiosidades sobre sua vida – sua infância, sua paixão pela leitura, seu processo criativo e até seus momentos de lazer – enviando mais perguntas para ele, por *e-mail*. Confira aqui.

Quando você começou a escrever seu primeiro livro? Quantos anos você tinha? (Henry)

O primeiro livro que escrevi foi quando estava no 5º ou 6º ano, não lembro ao certo. Eu tinha 11 anos. Era um romance histórico, que ocupava cinco folhas de caderno. Enorme, não? Depois de adulto, meu primeiro livro foi o relato de *Robinson Crusó*, em 2003, quando eu tinha 53 anos. Agora tenho 71. Meu primeiro livro que não é adaptação de um clássico foi *Antônio, o santo do amor*, de 2007. Meu primeiro livro para crianças foi *O livro que não queria saber de rimas*, de 2014. E o mais recente é *O quintal da minha casa*, publicado agora na pandemia.

Qual foi o autor que o inspirou? (Maurício e Helena)

Minha maior inspiração são os clássicos da literatura, que comecei a ler quando criança, em relatos ou adaptações, e depois passei a ler na versão integral – e, sempre que possível, na língua original.

O que fez você se tornar um escritor? (Larissa e Sofia Lanari)

A vontade de transmitir a outras pessoas o que aprendi de mais importante. E a vontade de escrever, que é uma coisa que eu já gostava muito de fazer na escola.

Ser escritor sempre foi o seu sonho? (Luiza Lemos e Marina Gominho)

Não sonhava ser escritor. Comecei como músico amador, me profissionalizei primeiro no jornalismo, depois como editor de livros. Ser escritor surgiu depois, foi como uma volta às raízes, quando escrevia redações muito elogiadas na escola.

Já passou pela sua cabeça desistir de ser escritor e seguir outra profissão? (Igor)

Não. Só lamento não ter mais tempo para escrever. Gostaria de ser músico também.

Dos livros de sua autoria, qual levou mais tempo para ser escrito? (Gabriel e Vinicius)

Antônio, o santo do amor levou três anos de pesquisa e escrita.

Qual o seu favorito? (Isabelli, Mariana e Lorenzo)

O quintal da minha casa.

Você usa computadores para escrever seus livros? (Pedro Queiroz)

Uso. Mas gosto muito de escrever à mão.

Qual a sensação de escrever um livro que se tornou famoso? (Theo Caresi)

Raramente penso nisso. A sensação de escrever qualquer livro é muito boa.

Você está escrevendo algum livro atualmente? Qual o nome da obra? (Vitor)

Estou escrevendo vários ao mesmo tempo. Hoje estou trabalhando num chamado *Os números bagunceiros*.

Você já escreveu livros fazendo parcerias? (Miguel)

Ainda não. Mas tive a ideia de escrever uma peça de teatro com minha mulher, Silvana Salerno, que também é escritora. Eu escrevo o que um personagem fala, e ela vai escrever a resposta do outro personagem. Mas ainda está só na ideia.

Qual foi o primeiro clássico que você adaptou? (José)

Robinson Crusó, escrito originalmente pelo autor inglês Daniel Defoe em 1719, ou seja, há 303 anos.

O que o inspirou a adaptar clássicos? (Matheus e Leonardo Germinari)

O fato de ter lido clássicos adaptados na infância e ter percebido que eram livros muito importantes, não só como histórias boas de ler mas também por ajudarem a desenvolver a capacidade de expressar o que está na nossa cabeça.

Como é se aprofundar em clássicos para depois adaptá-los? (Joaquim e Pedro Espinosa)

É ler o clássico várias vezes, de preferência na língua original.

Quanto tempo você levou para realizar a adaptação do livro *A volta ao mundo em 80 dias*? (Jorge e Benny)

Seis meses.

Quantos clássicos você já adaptou? (Lucca e Lara Baravelli)

Hum... Preciso contar. Esperem um pouco... Ah! São 13.

Para você, o que é importante para adaptar um clássico? (Leonardo Callegari)

Ler a versão integral e tentar entender. Ler na língua original para entender melhor. Fazer um recorte pessoal do que penso ser o melhor e o mais importante no clássico. Cada adaptador fará um recorte diferente, dependendo do que acha importante transmitir do livro adaptado. Na adapta-

ção literária, é importante respeitar o que diz o original, não ficar inventando. Mas você também pode inventar uma história nova a partir de um clássico, num tipo diferente de adaptação, em que você se torna mais autor; isso acontece mais na adaptação para o cinema.

Você sempre gostou de ler? (Sophia Silveira e Maria Luiza)

Muito!!!

Qual o seu livro favorito? E seus autores favoritos? (Sophia Butros e Luiza Maciel)

Cada vez tenho um livro favorito. Agora estou pensando em *O ano da morte de Ricardo Reis*, do escritor português José Saramago, que ganhou o Prêmio Nobel. Gosto de muitos escritores; vou citar aqui alguns autores clássicos mais importantes: os russos Liev Tolstói e Fiódor Dostoiévski, o francês Honoré de Balzac, o inglês William Shakespeare e o gênio brasileiro Machado de Assis.

Que tema você prefere ler? (Lucas e Lara Ghedini)

Todos! O que eu estiver lendo na hora. Gosto de intercalar os temas nas minhas leituras.

Como era sua infância com relação à leitura? (Júlia)

Eu sempre li muito, e também gostava de me divertir muito. Na hora do intervalo, um dia ficava na biblioteca lendo, no outro dia ficava na quadra jogando futebol, no outro ficava só conversando com os colegas, trocando ideias. Tudo isso é importante.

O que você gosta de fazer em seus momentos de lazer? (Theo Vallocci)

Ler, ouvir e tocar música, viajar, arrumar as coisas em casa.



Debates em redes sociais: argumento ou xingamento?

Quanto mais saudáveis as discussões no ambiente familiar, maior a chance de que, quando as crianças se tornarem adultas, apresentem boa capacidade de debate.

Futebol, política, religião... Quem nunca se meteu em uma discussão com um colega sobre algum desses assuntos?

No passado, bares e restaurantes eram os principais locais desse tipo de debate. Atualmente, um comentário no Twitter já pode virar tema para uma discussão virtual. Escondido por uma tela e um *nickname* ou nome de usuário, qualquer um pode entrar na conversa e facilmente agredir aquele a quem se opõe. Dessa forma, surge a necessidade de melhorarmos nossa capacidade de nos policiarmos nos meios digitais, para evitarmos o xingamento e a agressão durante a argumentação.

Em 2015, em entrevista concedida à BBC Brasil, a psicóloga americana Pamela Rutledge afirmou que, na internet, as pessoas falam sem pensar, diferentemente da experiência social *offline*, na qual as pessoas se policiam devido à proximidade física com o interlocutor. A psicóloga acrescenta que os mais agressivos na internet são aqueles que se sentem impotentes ou frustrados, e, para se sentirem poderosos, tentam diminuir o opositor. Assim, ela recomenda um acompanhamento dos pais sobre seus filhos, desde cedo, para que os ensinem a debater e a não despejar o ódio nas redes sociais.

Ademais, como afirma um artigo postado no *blog* da clínica psicológica ContemPsico, “a família é um ensaio para as relações sociais futuras”. Portanto, quanto mais saudáveis forem as discussões no ambiente familiar, ensinando as crianças a pensar e a responder criticamente, maior a chance de que, quando

adultas, elas apresentem uma boa capacidade de debate. Além disso, o artigo também aconselha, em casos de agressão em ambientes virtuais, nunca responder de forma ofensiva ao agressor, mas sim ignorá-lo, ou responder de forma educada, sem propagar a violência.

Em somatória, é importante também falar da cultura do “cancelamento”, que ganhou força nos últimos anos. A prática, que, segundo o *site* Terra.com, consiste em deslegitimar a presença de pessoas ou organizações em debates públicos, pode causar danos aos chamados “cancelados” e acaba minando ainda mais o debate, dado que exclui um cidadão de expor sua opinião. Nesse sentido, mais importante que “cancelar” é haver um ensinamento desde a infância de como debater de uma forma saudável, de forma a não agredir ou ofender nenhuma das partes. Melhorar a discussão agrega às duas partes, um ouvindo o que o outro tem a dizer. Práticas como a do cancelamento devem ser repensadas e substituídas por outras mais democráticas e menos radicais, que deem espaço para todos falarem e serem escutados, sem ferir o direito do outro.

Neste momento, vale também ressaltar uma afirmação de Desmond Tutu, consagrado com o Prêmio Nobel da Paz em 1984, que dizia: “Em um debate não levante sua voz, melhore seus argumentos”. Claro, na internet, não usamos a voz. Porém, o sentido de tal citação, de não se impor sobre o interlocutor de forma agressiva, mas sim argumentativa, vale tanto na vida real quanto na digital.



Leonardo C. B. de Carvalho, aluno do 9º B do E. Fundamental.

O alerta da tecnologia

Limitar o uso das redes sociais por jovens pode ajudá-los a desenvolver habilidades de argumentação, aprendizado e relacionamento.



Sofia O. S. Silva, aluna do 9º C do E. Fundamental.

Tornou-se aparentemente óbvio que nossa tecnologia excedeu nossa humanidade”. Tal frase, geralmente atribuída a Albert Einstein, resume uma preocupação do cientista alemão sobre as consequências sociais e éticas dos avanços tecnológicos. Hoje, ela poderia servir de alerta sobre a mudança de comportamento das pessoas após a introdução de novas tecnologias de comunicação, como as redes sociais, no cotidiano, devido aos mecanismos com que elas prendem a atenção e limitam as atividades dos usuários, oferecendo conteúdos novos a todo momento. Para que as relações entre pessoas, tanto as de forma virtual quanto as de “olho no olho”, não desapareçam nem envolvam violência, é importante que todos compreendam que a utilização de aparelhos eletrônicos e das redes sociais deve ser moderada e consciente.

Primeiramente, é importante ressaltar que existem muitas pessoas em situação de dependência tecnológica, com destaque para os jovens, já que eles estão em fase de desenvolvimento e ainda não têm uma identidade própria. Enquanto navegam pela internet, adotam pensamentos, roupas e estilos de vida de outras pessoas, vendo e vivendo a experiência alheia para se realizarem, pois podem ser indivíduos completamente diferentes do que sua realidade lhes permite.

A partir disso, muitas pessoas também começaram a se beneficiar do anonimato que as redes sociais oferecem para cometer crimes e violências virtualmente, o que, por sua vez, faz com que as vítimas busquem o prazer e a felicidade que perderam às custas de outras pessoas, concretizando um círculo vicioso.

Nesse contexto, surgiu a cultura do cancelamento, uma forma de manifestação que busca punir figuras que fizeram algo que não é tolerado pela sociedade, na qual são os usuários das redes sociais que definem o certo e o errado, como leis do mundo virtual. O medo de ser cancelado influencia o comportamento das pessoas, que agem objetivando agradar ao público e limitam o compartilhamento de suas ideias e atividades para não correrem o risco de ser julgadas. Sendo assim, os padrões impostos pela sociedade continuam afetando a forma como as pessoas convivem em seu dia a dia, pois são pressionadas a direcionar suas ações e pensamentos para que sejam bem-vistas, prejudicando o desenvolvimento de sua habilidade de argumentação, já que não discutem ideias e problemas para propor soluções ou novas maneiras de interpretar assuntos diversos.

Portanto, para que todos convivam harmonicamente no meio virtual, é importante que as escolas e os pais incentivem os jovens, desde cedo, a utilizar recursos tecnológicos com limitações, tanto de conteúdo como de tempo, para que eles aprendam a distinguir o que é certo e errado com base nas crenças ensinadas pelas famílias, não nos padrões disseminados pelas redes sociais. Com o controle das informações recebidas pelas crianças, estas também desenvolverão habilidades para argumentar, terão mais facilidade com o aprendizado e se relacionarão melhor com a comunidade a sua volta. Assim, a construção de uma sociedade mais respeitosa em relação a opiniões, roupas e costumes, além de mais informada e consciente sobre o que ocorre no mundo, será uma meta possível de ser alcançada.



Sharon E. S. Gonçalves, aluna do 9º D do E. Fundamental.

Lições aprendidas e ensinadas

Ex-aluna Ana Paula Piola fala da influência do Sabin na escolha por sua carreira na Educação.

Em sua turma de 3º ano do Fundamental, o foco da professora Ana Paula Piola nunca está apenas nas disciplinas. Ela sabe quando uma criança mais tímida ou cabisbaixa precisa de atenção especial ou de uma palavra mais doce. Diante de um aluno com dificuldades no estudo ou nos relacionamentos, ela sabe como fazê-lo ver suas potencialidades para que recupere sua autoestima.

Por um tempo, em sua infância, Ana Paula já foi essa aluna. Faz 20 anos, ela entrou no Sabin, na então “5ª série” (hoje, 6º ano), vinda de uma escola muito menor. A princípio, o tamanho do novo colégio – os prédios, o pátio, as quadras, a turma com 40 estudantes – a deixou insegura, acentuando a timidez natural e repercutindo até numa inédita nota baixa, em Matemática. “Quando eu chegava, tinha a sensação de que todo mundo ia olhar para mim”, lembra a ex-aluna, que foi vencer a insegurança justamente no lugar onde seria o centro das atenções: no palco do Teatro do Sabin.

Nas aulas do professor Ricardo Sonzin Jr., o medo do julgamento alheio se tornou desejo de se mostrar como era, com altivez e amor-próprio, e de usar suas características e qualidades para cativar uma plateia. “Ricardo percebeu o medo que eu não sabia externalizar; ele me fez ver que o que me fazia frágil podia ser minha força”, diz ela, que até hoje, ao dar aulas, ainda traz as lições do Teatro na desenvoltura à frente de uma classe, na dicção clara, na escolha das palavras e no mesmo olhar humano para com os alunos que recebeu dos professores do Sabin.

Porque Ricardo não foi o único. Nas lembranças de Ana, os anos vividos no Sabin foram de muito acolhimento. Em especial, por parte de duas professoras que, no



Nas aulas de Teatro, o medo do julgamento alheio se tornou desejo de se mostrar como era, com altivez e amor-próprio.

Ensino Médio, contribuíram decisivamente para os caminhos profissionais que ela viria a percorrer.

Às mestras Lélia Teixeira, de Literatura, e Denise Masson, de Língua Portuguesa, Ana atribui tanto sua paixão pelo idioma, que a levaria à faculdade de Letras, na USP, como o modelo de professora no qual ela, hoje, tenta se espelhar. “Lélia tinha muita doçura nas palavras. Era muito mágica a sua interpretação dos textos literários e poemas, e ela sempre abria para o debate, nós podíamos nos colocar”, recorda. “Já Denise tinha um jeito mais direto de falar as coisas, mas tinha um olhar mais técnico e um respeito pela língua que me influenciaram muito”.

Foi Denise quem a aconselhou a optar por Linguística como habilitação do curso de Letras, para se aprofundar ainda mais nas estruturas do texto e se tornar uma melhor docente. Era um sonho de criança, que Ana

perseguiu emendando a graduação na USP com outra em Pedagogia, na FMU, além de uma pós em Neurociência Aplicada à Educação, também na FMU. Hoje, unindo todas essas influências e escolhas, ela atua em uma escola particular no bairro da Vila Mariana e no mesmo curso de Pedagogia da FMU, além de ser assessora de Língua Portuguesa no Colégio Vital Brazil.

“Dar aulas para crianças e dar aulas para adultos são situações muito diferentes. A criança tem uma vontade enorme de aprender, e é especial poder ser essa figura acolhedora, como foram para mim. Já com os alunos de Pedagogia, eu estou ajudando a construir sonhos”, afirma Ana, que, nos dois casos, sente o legado do Sabin e daqueles antigos e queridos mestres. “Carrego comigo um pouco de cada um”.